



A Santa Sé

PAPA FRANCISCO

**MEDITAÇÕES MATUTINAS NA SANTA MISSA CELEBRADA
NA CAPELA DA CASA SANTA MARTA**

Luta diária

Sexta-feira, 20 de Novembro de 2015

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 48 de 26 de Novembro de 2015

Francisco voltou a falar da Igreja e dos riscos que ela corre quando se deixa vencer pela tentação da mundanidade: em vez de ser fiel ao Senhor, deixa-se seduzir pelo dinheiro e pelo poder.

Na homilia o Papa observou como «nestes últimos dias» a Igreja nos fez reflectir «sobre o processo de mundanidade, de apostasia que acaba na perseguição». As Escrituras propuseram à reflexão «aquela mundanidade do povo de Deus que queria mudar a aliança com os costumes de todas as pessoas pagãs». Uma deriva, explicou o Pontífice, que leva ao «pensamento único»; e quem não adere a ele, corre o risco de ser «perseguido», depois «muitos mártires» e «tantos sofrimentos». Encontramos um exemplo, nas leituras dos dias passados, na vicissitude do idoso escriba Eleazar «que deu o exemplo, até ao fim, da sua fidelidade à lei».

No trecho tirado do primeiro livro dos Macabeus (4, 36-37.52-59) lê-se «estes pagãos, este espírito de mundanidade» foram derrotados. Imediatamente Judas e os seus irmãos disseram: «Eis que os nossos inimigos foram «vencidos: vamos purificar o santuário e consagrá-lo de novo». Assim, explicou o Papa, todo o povo de Deus se sentiu feliz, porque se reencontrou «com a própria identidade, a da aliança com o Deus vivo; não a da mundanidade, que lhe tinha sido proposta». E, observou, o templo foi consagrado de novo «entre cânticos, toques de trombeta, harpas, címbalos; todo o povo se prostrou por terra. Adoraram e bendisseram o céu que lhes tinha sido propício. Celebraram a dedicação do altar com holocaustos, com alegria e louvor».

Lê-se nestas linhas uma «atitude de festa». E, disse Francisco, «a festa é uma coisa que a mundanidade não sabe fazer, não pode fazer», porque «o espírito mundano leva-nos no máximo a fazer um pouco de divertimento, um pouco de confusão»; mas «a alegria vem apenas da fidelidade à aliança e não destas propostas mundanas».

«Aconteceu o mesmo com Jesus» — frisou o Pontífice — quando foi ao templo e «começou a expulsar os que ali vendiam. Despediu-os a todos, dizendo-lhes: “Está escrito: a minha casa será casa de oração. Vós, ao contrário, fizeste dela um covil de ladrões”». É uma situação análoga: na «época dos Macabeus era precisamente o espírito mundano que tinha ocupado o lugar da adoração ao Deus vivo», e também aqui encontramos «o espírito mundano», mesmo se «de outra forma». Naquela época, explicou Francisco citando o Evangelho de Lucas (19, 45-48) lido pouco antes, «os chefes do templo, os chefes dos sacerdotes e os escribas tinham invertido um pouco as situações. Tinham entrado num processo de degradação e tornado impuro o templo, tinham sujado o templo».

Mas isto diz algo também aos cristãos de hoje, porque «o templo é um ícone da Igreja». E, frisou o Papa, «a Igreja terá sempre — sempre! — a tentação da mundanidade e de um poder que não é o poder que Jesus Cristo quer para ela». Jesus não diz: «Não, não se faz isto, eliminai-o»; mas «Vós fizestes deste lugar um covil de ladrões!». E, comentou o Pontífice, «quando a Igreja entra neste processo de degradação o fim é muito mau. Muito!».

Francisco prolongou-se sobre este conceito fundamental, recordando ainda as imagens do Antigo testamento no qual se vê «aquele pobre sacerdote idoso» que estava ali frágil, e «deixava que os seus filhos sacerdotes se corrompessem». Trata-se de um perigo actual. Com efeito, disse o Papa, «há sempre na Igreja a tentação da corrupção». Acontece quando «em vez de estar apegada à fidelidade ao Senhor Jesus, ao Senhor da paz, da alegria, da salvação», ela «se deixa seduzir pelo dinheiro e pelo poder». Como se lê no Evangelho do dia, onde os «chefes dos sacerdotes e os escribas estavam apegados ao dinheiro, ao poder e tinham esquecido o espírito». Não só. «Para se justificar e dizer que eram justos, que eram bondosos, tinham mudado o espírito de liberdade do Senhor com a rigidez».

A este propósito, o Pontífice recordou como Jesus, no capítulo 23 de Mateus, fala precisamente «desta sua rigidez». Vê-se que as pessoas, precisamente como se lia no trecho do Antigo testamento, «tinham perdido o sentido de Deus, até a capacidade de alegria, de louvor: não sabiam louvar a Deus, porque eram apegados ao dinheiro e ao poder, a uma forma de mundanidade».

A este ponto o Papa prosseguiu analisando a cena evangélica, fazendo notar como aqueles chefes dos sacerdotes e escribas «se zangaram». Jesus não os afasta do templo, mas os «que faziam negócios, os negociantes do templo»; contudo «os chefes dos sacerdotes e os escribas estavam relacionados com eles», porque evidentemente deles recebiam dinheiro. Havia, disse

Francisco o «santo suborno». E eles «eram apegados ao dinheiro e veneravam este “santo”».

No Evangelho lêem-se palavras muito fortes e diz-se que os chefes dos sacerdotes, os escribas e os chefes do povo «o queriam morto». Tinha acontecido o mesmo no tempo de Judas Macabeu: «E porquê?» questionou o Pontífice, explicando a dificuldade com a qual se deparava quem se punha contra Jesus: «Não sabiam o que fazer porque todo o povo ficava fascinado quando o ouvia». A força de Jesus «era a sua palavra» o seu testemunho, o seu amor. E onde está Jesus, «não há lugar para a mundanidade, não há lugar para a corrupção».

Tudo isto é claro também hoje: «esta é a luta de cada um de nós, esta é a luta diária da Igreja», que está chamada a andar «sempre com Jesus». E os cristãos devem «pender sempre dos seus lábios, para ouvir a sua palavra; e nunca procurar certezas onde há coisas de outro dono». De resto, «não se pode servir a dois senhores: ou Deus ou as riquezas; ou Deus ou o poder».

Eis por que, concluiu Francisco, «nos fará bem rezar pela Igreja, pensar nos muitos mártires de hoje que, para não entrar neste espírito de mundanidade, de pensamento único, de apostasia, sofrem e morrem. Hoje!». E recordando que «há mais mártires actualmente na Igreja do que nos primeiros tempos», exortou: «Far-nos-á bem pensar neles, e também pedir a graça» de nunca entrar «neste processo de degradação rumo à mundanidade que nos leva ao apego ao dinheiro e ao poder».